

O conservadorismo mineiro e a Copa do Mundo: análise histórica da cobertura jornalística do Estado de Minas em tempos de preparativos para o Mundial de 1950 em Belo Horizonte *

EUCLIDES DE FREITAS COUTO*

MARCUS VINÍCIUS COSTA LAGE**

O período compreendido entre as décadas de 1930 e 1940 se caracterizou por transformações geopolíticas internacionais cujas consequências foram sentidas nos mais diferentes espectros sociais. No campo esportivo, é possível notar que à medida em que as formas espetacularizadas do esporte seduziam as multidões, a exemplo do futebol, sua cooptação política se tornou prática recorrente, especialmente, por parte de governos ditatoriais, que os utilizavam para propagar as ideologias oficiais.

A Copa do Mundo de futebol de 1938, realizada na França às vésperas do conflito internacional conhecido como Segunda Guerra Mundial (1939-1945), é emblemática nesse sentido, já que foi caracterizada por tensões futebolísticas, a se iniciarem na época da definição do país sede. A escolha por um país europeu ocorreu em detrimento da candidatura argentina, não respeitando o princípio do rodízio entre os continentes¹ estabelecido pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) e seus associados. Em função disso, o continente americano foi representado apenas por Brasil e Cuba, uma vez que “[...] a Argentina liderou a desistência de oito outros países americanos” (FRANCO JÚNIOR, 2007: 51).

Além disso, há poucos meses do início da competição, a Alemanha anexou a Áustria que, por isso, não participou do evento com sua seleção e viu alguns de seus jogadores serem convocados a representar o país vizinho. Por fim, o bicampeonato italiano reforçou a propaganda política realizada pelo governo fascista quatro anos antes.

Como era (e continua sendo) de praxe, concomitantemente à realização do Mundial de futebol, a FIFA convocou seus associados para seu Congresso a ser sediado em Paris. A pauta, dentre outros assuntos, era a organização da próxima Copa do Mundo, a ser realizada

* Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professor adjunto da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

** Doutorando em História (UFMG)

*** A pesquisa contou com o apoio financeiro da Fundação de Fomento à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG)

¹ De acordo com tal princípio, as sedes da Copa do Mundo de futebol deveriam se alternar entre o continente europeu e americano. Respeitando tal princípio, a primeira edição da competição foi realizada no Uruguai em 1930, enquanto a segunda edição ocorreu na Itália em 1934.

no ano de 1942. Duas candidaturas oficiais foram lançadas na ocasião: uma sustentada por delegados brasileiros (A INAUGURAÇÃO..., 1950: 38) membros da Confederação Brasileira de Futebol (CBD), e outra pela Alemanha nazista (CALOROSO..., 1947: 11) interessada em realizar novamente um evento esportivo internacional em seu país.

Entretanto, a FIFA não oficializou sua decisão, optando por fazê-la dois anos depois, em 1940. Segundo Franzini (2010), há divergências na bibliografia que, ora apresenta que a FIFA havia encaminhado sua escolha pelos alemães, tendo em vista que este país já possuía a infraestrutura necessária para realizar o evento, ora pela escolha do Brasil. Com a eclosão da Guerra, a entidade futebolística suspendeu a realização de seus Congressos, bem como da própria Copa do Mundo, que, assim, não contou com suas edições previstas para os anos de 1942 e 1946.

A retomada das atividades da entidade supranacional ocorreu em 1946, com a convocação de um novo Congresso sediado em Luxemburgo, país neutro e pouco atingido durante o conflito internacional. O principal interesse da FIFA era organizar e poder realizar novamente a Copa do Mundo de futebol, prevista para julho de 1949, que, desta vez, contava com a candidatura única do Brasil apoiada pelos demais países sul-americanos. A Alemanha, que se candidatara como sede no Congresso de 1938, não só encontrava-se devastada, como também sofria uma série de condenações nas Conferências de Paz pós-Guerra, que culpavam o país pelo confronto bélico e, conseqüentemente, exigiam do Estado alemão o pagamento de indenizações aos países Aliados² (MOURA, 1990). A FIFA, imbuída dessa mesma linha de raciocínio, ameaçou excluir a entidade alemã de seus quadros (FRANZINI, 2010).

A escolha do Brasil para sediar a IV Copa do Mundo de futebol, contudo, não pode ser justificada apenas por uma possível incapacidade europeia em sediar o evento em função dos estragos que a Guerra provocou no continente. Tal fator não impediu, por exemplo, que os Jogos Olímpicos se realizassem na Inglaterra em 1948, antes mesmo da realização da Copa do Mundo no Brasil. A decisão da FIFA correspondia, portanto, a uma posição política da própria entidade, que relacionava-se tanto ao campo esportivo quanto ao rearranjo geopolítico internacional vivenciado após 1945, destacando-se, nesse último aspecto, o processo de distensão do capitalismo internacional, cujos principais pressupostos se vinculavam à

² Os principais países considerados Aliados na Segunda Guerra Mundial eram Estados Unidos da América (EUA), Grã-Bretanha e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Opunha-se a eles o Eixo, composto, basicamente, pela Alemanha, Itália e Japão.

reprodução do liberalismo econômico e à consolidação de alianças políticas nas frágeis democracias sul-americanas.

Nessa perspectiva, a opção de se analisar a cobertura da grande imprensa mineira sobre o evento deve-se, especialmente, ao seu papel político que, indubitavelmente, contribuiu para a legitimação das ações do poder público ao longo do período de preparação para a Copa do Mundo de 1950. Ao figurar como um dos principais atores sociais nesse cenário, parte-se da hipótese de que a grande imprensa, em sua maioria, esteve a serviço dos mais proeminentes grupos políticos do país, uma vez que o teor ideológico dos seus discursos apresentava-se afinado com o projeto liberal-capitalista encampado pelo governo brasileiro. Outrossim, a formação da opinião pública em torno da realização do evento internacional no país dependia, necessariamente, do aval e do apoio dos veículos de imprensa, cuja contribuição se tornara essencial em virtude dos desdobramentos políticos que eclodiram ao longo do período de organização.

Para os desideratos desse artigo, o *corpus* documental analisado se resume às publicações do *Estado de Minas* entre os anos de 1949 e 1950, um jornal de periodicidade diária da cidade de Belo Horizonte/MG. Seu conteúdo era diversificado e ilustrado, com vistas à ampliação e diversificação do público leitor. Em sintonia com os pressupostos conceituais propostos por Tânia de Luca (2005), o *Estado de Minas* pode ser considerado, naquele contexto, um periódico profissionalizado, com organização empresarial em busca de produtividade e lucro. As tradicionais reportagens, entrevistas e artigos políticos mesclavam-se com seções especializadas de esportes, vida social e cultural, e crítica literária, cujo objetivo central era “[...] atender aos anseios da crescente classe média urbana e dos novos grupos letrados.” (LUCA, 2005: 138)

Por ser parte da cadeia de imprensa denominada *Diários Associados*, o *Estado de Minas* adotava o posicionamento político de seu proprietário, Assis Chateaubriand. Desde meados da década de 1920, Chateaubriand mostrara-se inclinado a apoiar um modelo de desenvolvimento econômico baseado no capital externo. O primeiro periódico que adquiriu em 1924, *O Jornal*, o serviu como plataforma de ataque ao então presidente da República, Artur Bernardes (1922-1926). Durante seu mandato como presidente de Minas Gerais (1918-1922), Bernardes proibiu que uma empresa norte-americana explorasse jazidas de ferro no Estado, empresa à época defendida pelo advogado Chateaubriand (LUCA, 2008).

Pode-se dizer, portanto, que, no contexto pós-Guerra, os *Diários Associados*, incluindo o *Estado de Minas*, apoiaram o alinhamento brasileiro ao “bloco capitalista” e,

sobretudo, às propostas norte-americanas de desenvolvimento econômico pautado na livre circulação do capital externo. Nesse sentido, o *Estado de Minas* torna-se uma fonte histórica privilegiada no que diz respeito à análise da posição política adotada pelo governo federal e também pelo poder público belo- horizontino, ao longo do período dos preparativos e da realização da IV Copa do Mundo de futebol.

Para tanto, esta versão resumida do artigo é apresentada em uma única seção onde são analisadas as fontes primárias, ou seja, a cobertura jornalística, cujo conteúdo fornece os elementos necessários à compreensão das particularidades que envolveram as querelas políticas em torno da organização do evento.

O jornal *Estado de Minas* e a organização da Copa do Mundo de 1950: diálogos entre fonte e objeto de estudo

As regulamentações burocráticas para realização do mundial de futebol, estabelecidas pela FIFA desde a década de 1930 e pactuadas por seus associados, demonstravam que a política monopolizadora da entidade supranacional sobre a organização do evento ia ao encontro da proposta norte-americana de distensão do capitalismo internacional pós-Guerra, embora não fosse diretamente por ela influenciada. Exemplo dessa lógica é o regulamento da FIFA que previa, antes mesmo da realização das partidas de futebol, a divisão das rendas obtidas no término da competição³. Ou ainda a nota publicada pela *Agência Meridional* do Rio de Janeiro que denunciava o interesse da FIFA em deter “[...] o direito exclusivo de explorar os restaurantes, bares, anúncios, irradiações e outras coisas mais no Estádio Municipal [Maracanã], além [de já possuir o] controle [de comercialização] dos ingressos.” (A F.I.F.A...., 1949: 2) Segundo a *Meridional*, os dirigentes da FIFA estavam “Acostumados aos trustes e monopólios [...]” (A F.I.F.A...., 1949: 2) e “[exigia] à CBD, entidade que arcará com os onus do Campeonato do Mundo, ‘exclusivamente para todas as vantagens’.” (A F.I.F.A...., 1949: 2) Isso porque, desde a I Copa do Mundo realizada no Uruguai em 1930, cabia ao anfitrião o pagamento dos deslocamentos e das hospedagens de todas as delegações participantes do evento (MÜRRAY, 1999).

Como é perceptível, o associado da FIFA interessado em sediar o evento sabia de antemão dessas condicionalidades e deveria cumpri-las, correndo o risco de que a entidade

³ Segundo Escobar (1949), 15% das rendas obtidas no Mundial era destinado à FIFA, 30% para a entidade organizadora e os outros 55% divididos entre as associações participantes.

“[concedesse] licença para que a Copa do Mundo se realizasse em qualquer outra parte [...]” (A C.B.D..., 1950: 8) caso não o fizesse. No caso brasileiro, a candidatura empreendida pela CBD contava, desde o princípio, com o apoio do poder público, uma vez que a maior propaganda dos próceres cebedenses consistia na construção de um Estádio Municipal no Rio de Janeiro, o Maracanã, com capacidade superior a 150 mil espectadores, considerado como “o maior do mundo” (FRANCO JÚNIOR, 2007). Assim que a FIFA oficializou o Brasil como sede da IV Copa do Mundo de futebol, João Lyra Filho, presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND)⁴, além de outros atores políticos brasileiros, cobraram a intervenção do Estado para viabilizar a realização do evento, construindo não só o Maracanã, como também as demais obras necessárias para que a competição acontecesse no país (FRANZINI, 2010).

No intuito de legitimar sua posição favorável à realização do evento, o *Estado de Minas* buscou convencer seus leitores da importância internacional do Mundial de futebol, bem como sua relevância para o país e para a própria capital mineira. Desde meados de 1949, por exemplo, duas colunas passaram a ser publicadas especialmente em virtude da realização da Copa do Mundo no país e frente a possibilidade de Belo Horizonte sediar alguns de seus jogos, habituando o público leitor da cidade com o evento que seria realizado e convencendo-o de sua importância.

Na coluna “O Campeonato Mundial em Foco”, ou apenas “O Mundial em Foco”, publicada praticamente de forma diária entre meados de 1949 até o início da competição em julho de 1950, apesar de ter tido maior período de veiculação, obteve menos espaço que a coluna “Conhecendo o esporte no Velho Mundo”. Diferentemente dos relatos de Bruce e Provenzano, “O Mundial em Foco” era anônima, de caráter informativo, eventualmente ilustrada. Buscava repercutir opiniões de diversos atores futebolísticos nacionais e internacionais sobre o evento, além de questões relacionadas à organização da Copa (jogos eliminatórios, reuniões e deliberações das entidades responsáveis pela competição, obras e jogos inaugurais dos estádios), e das associações nacionais de futebol interessadas em participar do evento (treinos, convocação de jogadores, concentração, hospedagem e deslocamento das delegações).

Essa coluna buscava evidenciar declarações que enalteciam o país e suas realizações no campo futebolístico, como o discurso proferido por Jules Rimet na França assim que retornou do Brasil onde estivera acompanhando os preparativos locais para o evento. Editava-

⁴Órgão criado a partir do Decreto-lei nº 3.199 de 1941 durante a ditadura de Getúlio Vargas que se prestou a “estabelecer as bases de organização dos desportos em todo o país” (BRASIL, 1941).

6

se, por exemplo, trechos da fala de Rimet que descreviam o país como “grandioso” e “maravilhoso”, e, principalmente, de suas expectativas positivas sobre a realização da competição no Brasil, destacando tanto questões futebolísticas quanto políticas (Cf. O MUNDIAL..., 1949a: 8).

Trago do Brasil uma certeza: a Copa do Mundo, em 1950 registrará um sucesso jamais igualado. O futebol que os brasileiros praticam é uma coisa que tem algo de inconcebível e tudo farão, povo, e autoridades, para que o sucesso do Campeonato do Mundo [...] seja completo. (O MUNDIAL..., 1949a: 8)

Ao mesmo tempo, “O Mundial em Foco” rechaçava veementemente opiniões que criticavam o país ou a organização da Copa do Mundo de 1950, acusando-as de “[...] descredito geral contra o nosso ambiente e jogadores. [...] mentira, com o unico intuito de desmoralizar o grande certame a ter como palco do Brasil.” (O MUNDIAL..., 1950b: 9)

Afinado ao mesmo padrão discursivo da coluna “Conhecendo o esporte no Velho Mundo”, “O Mundial em Foco” se propunha a representar a IV Copa do Mundo de futebol como um evento de extrema relevância no plano internacional, como pode ser observado por exemplo, na declaração de Irineu Chaves, superintendente da CBD, que, ao retornar da Europa, onde estivera para participar “[...] dos debates da Comissão Organizadora da Copa do Mundo [...]” (O MUNDIAL..., 1949c: 9), relatou que havia

[...] intensa propaganda nos países europeus em torno do certame futebolístico que o Brasil patrocinará. [...] representantes da Exprinter em Roma e na Suíça já [estavam] tomando todas as providenciais no sentido de organizar as varias embaixadas de turismo que segundo calculos se elevarão a mais de 10 mil pessoas. (O MUNDIAL..., 1949c: 9)

Tais discursos, que identificavam o grande interesse da comunidade futebolística internacional em torno da Copa do Mundo no Brasil, conjugavam-se àqueles que buscavam apresentar o evento como promotor de melhorias e transformações positivas para o povo brasileiro, reforçando esse processo de convencimento público sobre a importância da realização da competição no país. Isso fica evidente, por exemplo, quando “O Mundial em Foco” construía algumas expectativas sobre o impacto da construção e/ou reforma dos Estádios que sediariam os jogos da Copa do Mundo no Brasil para a população local, como pode observado quando a coluna tratava da inauguração do Estádio Municipal do Rio de Janeiro:

[...] no 'Estádio Municipal', o 'Zé torcedor' poderá, finalmente, assistir futebol para se divertir e não sofrer com os empurrões, apertões, falta de conforto e outras coisas mais, graças a tudo isso a coragem do prefeito Mendes de Moraes, que tudo fez para cumprir a sua promessa de dar a melhor praça de desportos do mundo aos cariocas. (O MUNDIAL..., 1950a: 10)

Assim, os redatores e editores⁵ da coluna em questão representavam a Copa do Mundo de futebol como uma espécie de divisor de águas para o espetáculo esportivo nacional. O Maracanã, construído especialmente para o Mundial de 1950, era propagandeado como a “melhor praça de desportos do mundo”, capaz de proporcionar diversão com conforto e sem distúrbios comuns em espetáculos futebolísticos, como “empurrões” e “apertões”. Segundo “O Mundial em Foco”, o conforto, entretanto, não descaracterizaria a popularidade do futebol brasileiro, cujo público poderia ser composto por qualquer “Zé torcedor”⁶.

Pari passu à publicação das colunas supracitadas, a seção de esportes do *Estado de Minas* trazia diariamente ao menos uma pequena nota relacionada à competição, contribuindo na formação dos leitores como público interessado e desejoso pela realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil, e que, nesse sentido, mesmo que de forma indireta, acabava por apoiar também a posição política favorável à realização do evento. Além disso, sendo um veículo de comunicação com circulação predominantemente restrita à capital mineira, a cobertura feita pelo *Estado de Minas* buscou incentivar os preparativos de Belo Horizonte para a concretização da realização da competição na cidade. Uma das principais frentes de atuação do periódico em questão foi a campanha formulada em defesa da construção de uma nova praça de esportes belo-horizontina capaz de atender as exigências dos organizadores do evento. Isso porque, até o final da década de 1940, a cidade possuía três Estádios cuja capacidade não superava 12 mil espectadores⁷, muito aquém aos aproximados 40 mil lugares do Municipal paulista, o Pacaembu, ou dos mais de 150 mil lugares do Maracanã.

⁵ Editores também porque muitas informações publicadas eram redigidas por Agências de Notícias cariocas, sobretudo a *Meridional*, também de propriedade de Assis Chateaubriand e integrante da cadeia dos *Diários Associados*.

⁶ Os acidentes ocorridos nos próprios jogos da Copa de 1950 desmentiriam essa representação idílica dos novos Estádios brasileiros. Faltando ainda a realização da última rodada no dia 16 de julho, publicava-se o registro de 451 feridos dentro dos Estádios desde o início da competição, 259 deles apenas no jogo entre Brasil 6 vs. 1 Espanha, incluindo um falecimento (O LADO..., 1950); confronto esse, aliás, realizado na “confortável” e “melhor praça de esportes mundo”, o Estádio Municipal carioca.

⁷ Os três Estádios existentes em Belo Horizonte até o final da década de 1940 eram o Estádio Octacílio Negrão de Lima, ou Alameda, de propriedade do América FC; o Estádio Antônio Carlos, de propriedade do Clube Atlético Mineiro; e o Estádio Juscelino Kubitschek, pertencente ao Cruzeiro Esporte Clube (SANTOS, 2005).

No final de 1949, o *Estado de Minas* “[...] ratificava a [...] promessa [de Octacílio Negrão de Lima] à C.B.D., relativamente á [sic] conclusão do Estadio Independencia [sic], do Sete de Setembro.” MARIO..., 1949: 9). A partir de então, o periódico em questão iniciou uma cobertura que ora destacava os progressos da obra, atribuindo-os aos esforços do prefeito de Belo Horizonte e, eventualmente, do vereador Antonio Lunardi, ora cobrava mais empenho da Prefeitura e do Sete de Setembro FC para que o mesmo ficasse pronto a contento dos organizadores do Mundial e a tempo de realização dos jogos da competição na cidade. Em ambos os casos, sempre se enfatizava os impactos positivos do novo Estádio, além de considera-lo uma demanda do público futebolístico belo-horizontino e símbolo de progresso e desenvolvimento local, reforçando nos leitores o apoio ao evento e, sobretudo, a intervenção do poder público como sendo de fundamental importância para a sua realização na cidade.

Os últimos meses de 1949 e janeiro de 1950 serviram, portanto, para divulgação do desenvolvimento das obras do “monumental estadio” (BELO..., 1949: 8). Na ocasião, eram feitos o plantio e demarcação do gramado, a colocação das duas traves e a cimentação dos degraus da arquibancada (PRONTO..., 1950), o que era considerado como “progresso dos serviços” (BELO..., 1949), “[...] transformando o sonho de ontem na portentosa realidade de hoje.” (ONTEM..., 1949: 1) Permitindo o *Estado de Minas* afirmar categoricamente: “Belo Horizonte poderá ver jogos da Copa do Mundo” (BELO..., 1949: 8)

Os informes reforçavam ainda que os trabalhos viam sendo executados por “operários da Prefeitura” (SEIS..., 1949: 8) graças a iniciativa do prefeito, que “[...] não tem poupado esforços para o apressamento dos serviços.” (SEIS..., 1949: 8) Reforçava-se, assim, o intervencionismo do governo municipal para viabilizar o evento em Belo Horizonte, criando um discurso de eterna gratidão devida pelo Sete de Setembro FC ao Octacílio Negrão de Lima, “[...] sem o qual os florestinos⁸ jamais poderiam contar com a realidade do Independencia.” (SEIS..., 1949: 8); e, mais ainda, uma espécie de “dívida” (ONTEM..., 1949) por parte da própria população belo-horizontina com o prefeito.

Os elogios à Negrão de Lima tiveram seu ápice quando o *Estado de Minas* publicou o artigo intitulado “Deus lhe pague”, de autoria de Etienne de Castro, que tecia a trajetória do Independência, desde o momento em que ainda era um “sonho”, até se tornar definitivamente

Mesmo diante desse cenário, dirigentes do América e do Atlético aventavam a possibilidade de receber alguns jogos do certame mundial, como fica evidenciado nas referências MARIO..., 1949 e O PREFEITO..., 1949, que indicavam a possibilidade de construção de um túnel e a reforma dos alambrados nesses Estádios por meio do financiamento da Prefeitura de Belo Horizonte.

⁸ Em alusão ao Bairro da Floresta, sede original do Sete de Setembro FC.

uma “realidade que brilha como uma manhã do sol dos dias de verão” (CASTRO, 1949: 12). O articulista denunciava o ceticismo e a incredulidade com que foi recebido inicialmente o projeto do novo Estádio, contrapondo-o a “obra magnífica” que vinha sendo realizada, responsável por tornar o Sete de Setembro FC, “pequeno garoto das ruas, roto e maltrapilho” em “personagem digno das atenções gerais”. Para Castro (1949), os impactos positivos da empreitada não se restringiam ao clube setembrino, mas deveriam ser considerados pelo esporte mineiro em geral, uma vez que o novo Estádio representaria “[...] a própria independência do futebol mineiro.” (CASTRO, 1949: 12) O artigo de Castro (1949) reforçava, assim, a importância da intervenção pública para o esporte local e, sobretudo, legitimava a atuação do prefeito e o modelo de desenvolvimento econômico que se atrelava ao evento que seria realizado na cidade.

Nesse período, o *Estado de Minas* chegou a publicar algumas especulações sobre os preparativos para o Mundial de futebol em Belo Horizonte. Após visita de Antonio Lunardi ao Rio de Janeiro, a seção de esportes repercutiu dois “furos” jornalísticos que diziam respeito à definição dos jogos a serem realizados na cidade, bem como sobre a construção do Estádio Independência. Segundo o vereador e presidente do Sete de Setembro FC, o presidente da Federação Mineira de Futebol (FMF), Mário Gomes, “[...] conseguiu convencer os pais da CBD a aumentar o número de jogos do campeonato mundial em Belo Horizonte.” (SEIS..., 1949: 8); de três para seis partidas. Além disso, Lunardi informava que “A capacidade de lotação do Estádio Independência será ampliada com 15 mil cadeiras de mármore. Destarte, ao invés de ser para 65 mil pessoas, a lotação passará a 80 mil.” (SEIS..., 1949: 8)

Desconsiderando as possíveis negociações existentes para concretização de ambas as informações, fato é que o Independência jamais chegou a ter seus 40 mil lugares inicialmente projetados (SANTOS, 2005) sequer se aproximando dos possíveis 80 mil divulgados pelo jornal. Tampouco a cidade receberia mais do que os três jogos previamente garantidos pela CBD⁹. Mas as declarações de Lunardi representavam um quadro de otimismo e de propaganda quanto à realização do Mundial em Belo Horizonte, preparando terreno para que o *Estado de Minas* reforçasse a campanha de construção do Independência, convocando a

⁹ Ao contrário, conforme noticiado pelo *Estado de Minas*, Belo Horizonte perdeu a condição de receber todos os jogos da chave da Inglaterra após a realização do sorteio da competição. Constatando-se que Inglaterra e Espanha se enfrentariam ainda na primeira fase, o referido jogo foi confirmado para acontecer no Estádio Municipal do Rio de Janeiro sob justificativa da CBD de que a importância do confronto demandaria um palco com maior capacidade de público, possibilitando maior arrecadação. Questão, aliás, que suscitou controvérsias e descontentamentos em Belo Horizonte, inclusive representando o não pagamento das “quotas” por parte da Prefeitura à CBD. Para essa questão, consultar publicações do *Estado de Minas* entre final de maio e início de junho de 1950.

população a participar ativamente como financiadores diretos do empreendimento, quando então o Sete de Setembro FC lançou, primeiramente, sua campanha de ampliação do número de associados (QUARENTA..., 1949; 83 PROPOSTAS..., 1950) e, posteriormente, de venda das cadeiras cativas do Estádio Independência (O “COCK-TAILL”..., 1950; 113 CADEIRAS..., 1950; COOPERE..., 1950). A divulgação do andamento de ambas as campanhas objetivava estimular e, sobretudo, representar o apoio público belo-horizontino à construção do Independência e de realização da Copa do Mundo na cidade.

Essas campanhas iniciavam-se em um momento delicado para as obras do Independência, que poderiam não ser concluídas a tempo da realização da IV Copa do Mundo de futebol na cidade. De fato, o projeto original do Estádio dos florestinos foi abandonado, não sendo executado o último conjunto de arquibancadas que fecharia a “ferradura” (QUASE..., 1950), o que não impediu, contudo, que os três jogos do Mundial previamente acordados ocorressem em Belo Horizonte¹⁰. As críticas e cobranças dirigidas ao prefeito quanto ao término das obras, formuladas pelo *Estado de Minas* entre fevereiro (UM TOQUE..., 1950) e março (SEMI-PARALISADAS..., 1950) de 1950, foram rapidamente substituídas pelo apoio incondicional, após a CBD definir a tabela dos jogos e Belo Horizonte se sentir lesada com os jogos que lhe foram destinados¹¹.

Um dia após a abertura oficial do campeonato, em 25 de junho, o *Estado de Minas* publicava uma foto aérea do Independência, considerando-o como sendo a colaboração do futebol mineiro “[...] para o sucesso da maior iniciativa de todos os tempos do futebol brasileiro.” (A NOSSA..., 1950: 2) Apesar de constatar que o “[...] estadio [...] ainda não é o que será, [está] perfeitamente á altura de permitir jogos de grande vulto em Belo Horizonte.” (A NOSSA..., 1950:2) Reconhecia-se, assim, os problemas de organização do evento ao se indicar que o Estádio não estava concluído, mas, ao mesmo tempo, enaltecia-se o empreendimento que colocava o Brasil e, em especial, Belo Horizonte, em evidência internacional.

Considerações finais

¹⁰ A saber, Iugoslávia vs. Suíça, em 25 de junho; EUA vs. Inglaterra, em 29 de junho; e Bolívia e Uruguai, em 2 de julho de 1950.

¹¹ Sobre essa questão, consultar nota de rodapé 16.

O assunto da conclusão do Independência voltou à tona terminado os jogos do Mundial em território belo-horizontino, mas, desta vez, as críticas e cobranças foram balizadas pelo sucesso que teria sido a realização do evento na cidade. Pois, como havia sido constatado, “Os jogos do Mundial no Independência vieram provar que Belo Horizonte estava realmente precisando de um estádio á altura de seu progresso esportivo.” (FALA-SE..., 1950: 9); legitimando-se, assim, todos os preparativos realizados para a promoção da competição na cidade.

O desfecho da cobertura da Copa do Mundo coroava, portanto, o discurso do *Estado de Minas* de convencimento público sobre a necessidade de se promover o Mundial no país e, sobretudo, na cidade de Belo Horizonte, a partir de argumentos que demonstravam a magnitude internacional da competição, bem como sua relevância e seus impactos positivos no âmbito socioeconômico nacional e local. Estas argumentações que, como demonstrado, exigia e, simultaneamente, corroborava a intervenção governamental no sentido de viabilizar a realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil.

Por fim, cabe destacar que o conjunto das narrativas publicadas ao longo do período analisado cumpria o papel de legitimar na opinião pública a suposta consolidação da posição do país no “bloco capitalista”, no continente sul-americano, em plena Guerra Fria. Ao defender a realização da Copa do Mundo, especialmente encampando os interesses locais, a cobertura dos preparativos do evento feita pelo *Estado de Minas* mostrava-se extremamente consonante ao novo modelo de distensão do capitalismo mundial, no qual a reprodução do capital das empresas internacionais, como o caso da FIFA, assume prioridade na agenda estatal e legitimidade na opinião pública.

Referências

113 CADEIRAS vendidas. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 21 abr. 1950, p. 10.

83 PROPOSTAS por semana. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 18 jan. 1950, p. 9.

A C.B.D. atrasada em seus compromissos. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 11 mar. 1950, p. 8.

A F.I.F.A. quer muita coisa. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 27 nov. 1949, Seção de Esportes, p. 2.

A INAUGURAÇÃO do Estádio Municipal. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 jul. 1950, p. 38.

A NOSSA parte. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 25 jun. 1950, p. 2.

BELO Horizonte poderá ver jogos da Copa do Mundo. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 9 nov. 1949, p. 8.

BRASIL. Decreto-lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 16 abr. 1941.

CALOROSO apêlo da crônica esportiva, escrita e falada à Câmara Municipal. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 set. 1947, p. 11)

CASTRO, Etienne de. Deus lhe pague. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 13 dez. 1949, p. 12.

COOPERE na construção do “Estadio Independencia” do 7 de Setembro, comprando sua cadeira cativa. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 2 maio 1950, p. 9.

ESCOBAR, Geraldo. O lado triste e aflitivo do mundial. Previsto um prejuizo de três a quatro milhões. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 25 nov. 1949, p. 8.

FALA-SE que o Independencia não será concluído. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 5 jul., 1950, p. 9.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Conflitos nacionais e esportivos (1938-53). In.: **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 51-59.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Futebol e democracia populista (1946-1954). In.: **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 85-93.

FRANZINI, Fábio. Da expectativa fremente à decepção amarga: o Brasil e a Copa do Mundo de 1950. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 243-274, jul./dez. 2010.

LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa no Brasil da primeira metade do século XX. **9ª Conferência Internacional da Brazilian Studies Association (Brasa)**, Tulane University, 2008. 22 p.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

MARIO Gomes se baterá pela semi-final em B. Horizonte. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 11 nov. 1949, p. 9.

MOURA, Gerson. **O alinhamento sem recompensa: a política externa do Governo Dutra**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1990. 113 p. (Textos CPDOC)

13

MÜRRAY, Bill. FIFA. In.: RIORDAN, James; KRÜGER, Arnd (Orgs.). **The international politics of sport in the twentieth century**. Londres: E & FN Spon; Nova Iorque: Routledge, 1999, p. 28-47.

O “COCK-TAIL” do Sete á imprensa. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 30 mar. 1950, p. 8.

O LADO triste do espetáculo. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 15 jul. 1950, p. 9.

O MUNDIAL em Foco. Declarações de Rimet em Paris. Mais cedo as finais do Brasileiro. Swindin elogia o futebol nacional. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 9 out. 1949a, p. 10.

O MUNDIAL em Foco. Em Montevidéu, um turno das eliminatórias. O Paraguai com um bom tecnico. Regressou Barassi. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 9 out. 1949b, p. 10.

O MUNDIAL em Foco. O inicio do certame foi antecipado para 24 de junho. Declarações de Irineu Chaves, que retornou da Europa. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 29 dez. 1949c, p. 9.

O MUNDIAL em Foco. Será inaugurado a 25 de maio o Estadio Municipal. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 29 jan. 1950a, p. 10.

O MUNDIAL em Foco. Viajou Flavio Costa para a Europa. Observará futuros adversarios do escrete brasileiro. Cronistas do velho continente iniciam uma tremenda campanha contra a realização do certame no Brasil. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 30 mar. 1950c, p. 8-9.

O PREFEITO em reunião com os 4 clubes da Capital. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 2 dez. 1949, p. 9.

ONTEM. Hoje. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 11 dez. 1949, Seção de Esportes, p. 1.

PARA a Copa do Mundo. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 12 out. 1949, p. 4.

PRONTO o gramado do Independencia. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 17 jan. 1950, p. 10.

QUARENTA socios por semana. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 24 dez. 1949, p. 9.

QUASE prontos os vestiarios do Independencia. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 17 maio 1950, p. 9.

QUEREM o adiamento do Campeonato Mundial de Foot-Ball. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 set. 1947, p. 10.

SANTOS, André Carazza dos. A Copa do Mundo no Brasil (1950): Belo Horizonte e o ideal de cidade almejado para encantar os estrangeiros. **EF Deportes Revista Digital**, Buenos Aires, año 1, n. 86, jul. 2005. 13 p.

SEMI-PARALISADAS as obras do Estadio Independencia. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 12 mar. 1950, Seção de Esportes, p. 1.

SEIS jogos do Mundial na cidade, ao invés de três. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 18 nov. 1949, p. 8.

UM TOQUE de alerta. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 2 fev. 1950, p. 9.